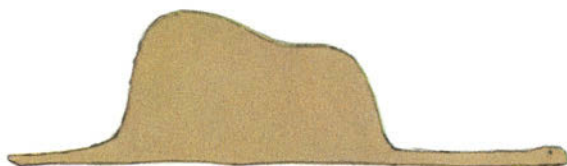


I

Uma vez, quando tinha seis anos, vi uma imagem maravilhosa num livro sobre a floresta virgem chamado “Histórias Vividas”. Era a ilustração de uma serpente jiboia a engolir um animal selvagem. Eis a cópia do desenho.

Dizia no livro: “As jiboias engolem a sua presa inteira, sem a mastigarem. Depois, ficam sem se poder mexer e dormem durante os seis meses que dura a digestão.”

Refleti bastante acerca das aventuras na selva e inspirei-me para fazer o meu primeiro desenho, com um lápis de cor. O meu desenho número 1. Era assim:

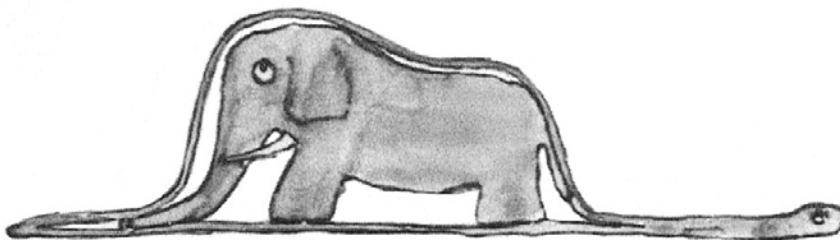


Mostrei a minha obra-prima aos crescidos e perguntei se o desenho lhes metia medo.

Responderam-me: “Mas porque é que um chapéu nos meteria medo?”

O meu desenho não representava um chapéu. Representava uma jiboia a digerir um elefante. Desenhei então o interior da jiboia, para que os crescidos pudessem perceber. Eles precisam sempre de explicações. O meu desenho número 2 era assim:

Os crescidos aconselharam-me a pôr de lado os desenhos de jiboias, abertas ou fechadas, e a interessar-me antes pela



geografia, pela história, pelo cálculo e pela gramática. E foi assim que desisti, aos seis anos de idade, de uma magnífica carreira de pintor. Senti-me desencorajado pelo fracasso do meu desenho número 1 e do meu desenho número 2. Os crescidos nunca são capazes de compreender nada sozinhos e é cansativo, para as crianças, ter de estar sempre, sempre a dar-lhes explicações.

Tive então de escolher outra profissão e aprendi a pilotar aviões. Voei um pouco por todo o mundo. E, sim, é verdade, servi-me imenso da geografia. Sabia distinguir, só de olhar, a China do Arizona. Pode ser muito útil, se nos perdermos a meio da noite.

Deste modo estabeleci, ao longo da vida, uma data de contactos com uma data de gente séria. Vivi bastante entre os crescidos. Observei-os de muito perto. O que não melhorou grandemente a minha opinião acerca deles.

Quando encontrava um que me parecia mais lúcido, fazia com ele a experiência do meu desenho número 1, que conservei sempre. Queria descobrir se seria realmente compreensivo. Mas dava-me a mesma resposta: “É um chapéu.” Então, não lhe falava de jiboias, nem de florestas virgens, nem de estrelas. Punha-me ao nível dele. E o crescido ficava todo contente de ter conhecido um homem tão razoável.

II

Vivi, pois, sempre só, sem ter ninguém com quem falar verdadeiramente, até uma avaria no deserto do Sara, há seis anos. Algo se partiu no motor do meu avião. E como não levava nem mecânico, nem passageiros, preparei-me para tentar executar, sozinho, uma reparação difícil. Para mim, era uma questão de vida ou de morte. Tinha apenas água suficiente para oito dias.

Na primeira noite, adormeci deitado na areia, a milhas e milhas de qualquer terra habitada. Estava mais isolado que um naufrago numa jangada, em pleno oceano. Podem então imaginar a minha surpresa quando, ao romper do dia, uma vozinha curiosa me despertou. Dizia:

— Por favor... Desenha-me uma ovelha!

— Hã?

— Desenha-me uma ovelha...

Levantei-me de um salto, como se tivesse sido atingido por um raio. Esfreguei bem as pálpebras. Olhei atentamente. E vi um rapazinho, a todos os títulos extraordinário, que me contemplava, com ar grave. Aqui está o melhor retrato que, mais tarde, consegui traçar dele. Como é óbvio, o meu desenho saiu bastante menos deslumbrante que o modelo. Não tenho culpa. Os crescidos desencorajaram-me da minha carreira de pintor, aos seis anos de idade, e nunca aprendi a desenhar nada, à exceção de jiboias fechadas e jiboias abertas.

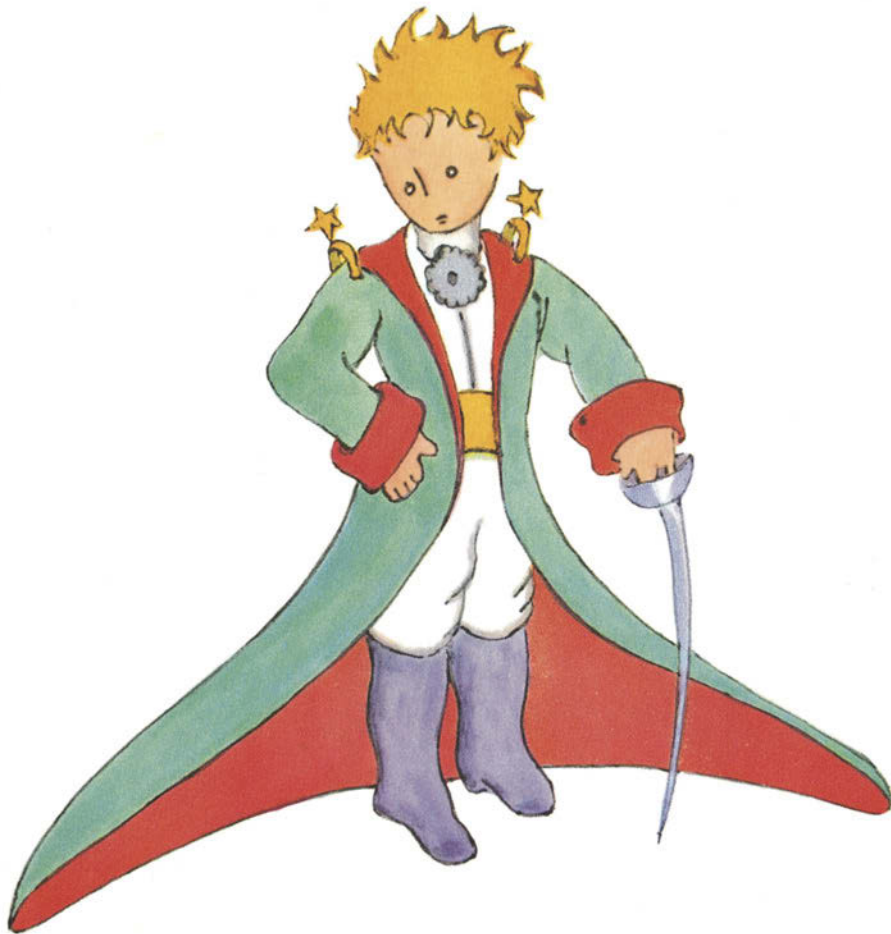
Fixei-me nesta aparição, de olhos esbugalhados. Não se esqueçam que me encontrava a milhas e milhas de qualquer região habitada. Ora, o meu rapazinho não parecia nem perdido, nem morto de fadiga, nem morto de fome, nem morto de sede, nem morto de medo. Não aparentava, em nada, ser uma criança perdida no meio do deserto, a milhas e milhas de qualquer região habitada. Quando, por fim, consegui falar, disse-lhe:

— Mas... Que fazes tu aqui?

Ele repetiu, baixinho, como se fosse uma coisa muito séria:

— Por favor... Desenha-me uma ovelha...

Quando o mistério é deveras admirável, não nos atrevemos a desobedecer. Por muito absurdo que aquilo me parecesse, a milhas e milhas de qualquer lugar habitado e em risco de morte, tirei do bolso uma folha de papel e uma esferográfica. Foi então que me lembrei que estudara sobretudo a geografia, a história, o cálculo e a gramática e (com uma pontinha de mau humor) disse ao rapazinho que não sabia desenhar. Respondeu:



Este é o melhor retrato que, mais tarde, consegui fazer dele.



— Isso não importa. Desenha-me uma ovelha.

Como nunca tinha desenhado uma ovelha, esbocei-lhe um dos dois únicos desenhos que sabia fazer. O da jiboia fechada. E fiquei estupefacto de ouvir o rapazinho responder:

— Não! Não! Não quero um elefante dentro de uma jiboia. Uma jiboia é muito perigosa e um elefante é muito volumoso. Vivo num lugar pequenino. Preciso de uma ovelha. Desenha-me uma ovelha.

Fiz, então, o desenho.

Analisei com atenção e:

— Não! Essa já está muito doente. Faz outra.

Desenhei:

Com infinita tolerância, o meu amigo sorriu:

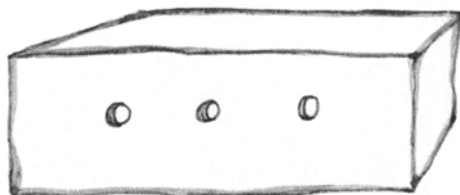
— Mas sabes... Isso não é uma ovelha, é um carneiro. Tem chifres...

Refiz, mais uma vez, o meu desenho:

O qual foi recusado, como os anteriores:

— Essa é muito velha. Quero uma ovelha que viva muito tempo.

Então, já com pouca paciência e alguma pressa em começar a desmontar o motor, rabisquei este desenho aqui.



Sugeri-lhe:

— Isto é a caixa. A ovelha que queres está lá dentro.

E que espantado fiquei ao ver iluminar-se a cara do meu jovem juiz:

— Era exatamente assim que eu queria! Achas que essa ovelha vai precisar de muita erva?

— Porquê?

— Porque vivo num lugar pequenino...

— Vais ter erva que chegue, acredita. Dei-te uma ovelha pequenina...

Debruçou-se sobre o desenho:

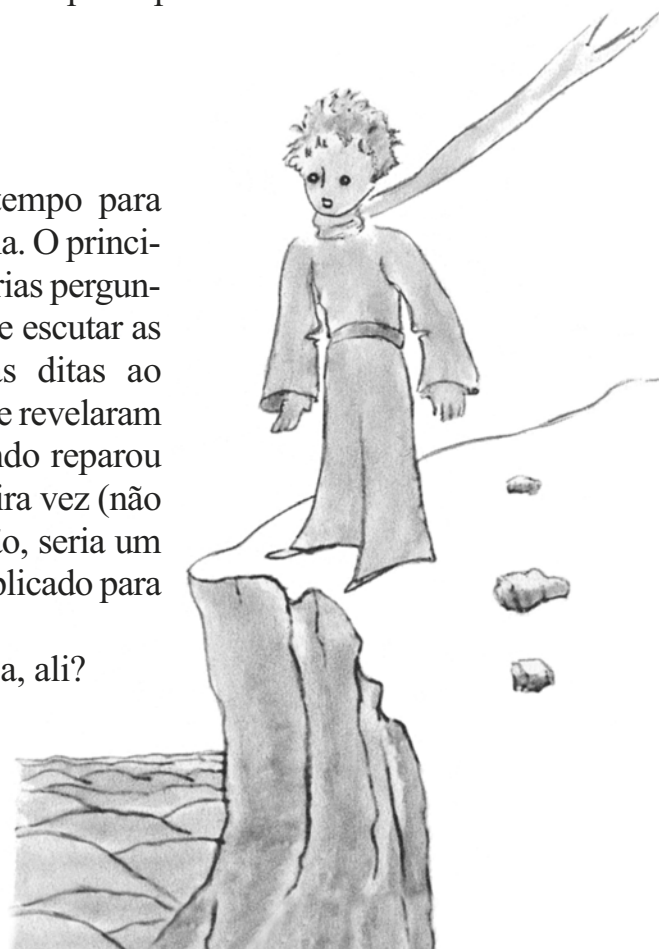
— Não é tão pequenina quanto isso... Olha! Adormeceu...

E foi assim que conheci o principezinho.

III

Precisei de bastante tempo para perceber de onde ele vinha. O principezinho, que me fazia várias perguntas, parecia ser incapaz de escutar as minhas. Foram palavras ditas ao acaso que, aos poucos, me revelaram tudo. Por exemplo, quando reparou no meu avião pela primeira vez (não vou desenhar o meu avião, seria um desenho demasiado complicado para mim) perguntou-me:

— O que é aquela coisa, ali?



— Não é uma coisa. Aquilo voa. É um avião. É o meu avião. Cheio de orgulho expliquei-lhe que sabia voar. Ele exclamou logo:

— O quê?! Tu caíste do céu?

— Sim — admiti, com modéstia.

— Ah! Que engraçado...

O príncipezinho deu uma grande gargalhada que me irritou imenso. Gosto que as minhas desgraças sejam levadas a sério. A seguir, acrescentou:

— Mas então tu também vens do céu! De que planeta és?

Vislumbrei ali um pequeno clarão, no mistério da sua presença, e interroguei-o de imediato:

— Porque tu vens de outro planeta, é isso?

Ele, porém, não me respondeu. Pôs-se a observar o meu avião, com um ligeiro aceno de cabeça:

— É claro que, naquilo, não podes ter vindo de muito longe...

E deixou-se levar longamente em pensamentos. A seguir, tirando do bolso a minha ovelha, ficou a contemplar o seu tesouro.

Conseguem decerto imaginar como fiquei intrigado por esta semiconfidência acerca dos “outros planetas”. Esforcei-me, naturalmente, por saber mais:

— De onde vens, meu rapazinho? Onde fica o “lugar” onde vives? Para onde tencionas levar a minha ovelha?

Após meditar, em silêncio, respondeu:

— O que é bom, com a caixa que me deste, é que, de noite, lhe pode servir de casa.